

Sem espaço para crescimento, os roqueiros brasileiros das décadas de 1970, lutaram para valorizar seu gênero favorito ou os grupos restritos a essa cena têm vida curta - no caso de Novos Baianos, Vímana e Secos e Molhados - ou limitados a underground. Alguns artistas como Rita Lee e Raul Seixas alcançaram sucesso com o rock, chegando ao topo na mídia, mas não conseguiram solidificar o rock na grande mídia. No entanto, o final dos anos 1970 representou um período de grandes mudanças políticas no Brasil. As ditaduras militares estavam perdendo força e os países caminhando para a democratização. Essa mudança afetou diretamente os jovens que a enfrentam e precisavam de algo que lhes dê força para falar. Eles encontraram essa voz no rock (AFONSO, 2019).

O rock cumpriu um dos seus destinos possíveis: deixou de ser espetáculo para ser estilo. A expansão tardia do rock em uma cultura jovem menos rebelde foi acompanhada por uma reciclagem de mitos românticos, satânicos e excêntricos. Com um estilo próprio, o mercado o conquistou saqueando seus fundadores o que eles continham de música pop. Além disso, esse movimento de assimilação não é novo: ele foi registrado como uma forma de circulação do rock desde o início. Irmãos e inimigos, o rock e o pop trilharam os caminhos juntos mesmo em momentos de maior qualidade estética. Então, hoje tudo voltou ao rock, pois se tornou a força vital da cultura moderna e com o desaparecimento de seus aspectos subversivos após a morte de seus heróis ou o surgimento de discursos mais piedosos (ambientalistas, naturalistas, médiuns, new age) adotado pelos restantes (SARLO 1997).

Como cena do rock das décadas de 1980 e 1990, entende-se o espaço ocupado pelos grupos de Mötley Crüe, Marilyn Manson e seus artistas com o sentido de transportar e expressar o que se denomina em uma rápida percepção cultural do rock. E novamente não só o rock como gênero musical está associado à ideia de autenticidade, mas também como símbolo ou sentido de uma cultura rebelde ou contracultural, ainda que a presença desses grupos no espaço da indústria não possa ser ignorada (VIEIRA, 2018).

Para o autor, o sentimento de impotência frente ao rock e à contracultura é relevante quando se considera os anos 80 como a ressaca dos anos 70 e os anos 90 como a ressaca dos anos 80. Os jovens integrantes de um movimento que pretendia romper com o conceito de décadas, acabaram por não conquistar esse ideal. Nesse

caminho, a falta de progresso social e o fracasso em abordar problemas separados têm marcado o descontentamento especialmente em tempos de dominação por governos conservadores em todo o mundo, o que tirou direitos que antes eram certos.

Nos anos 1970, o grupo Os Mutantes, do qual Rita Lee era cantora, compôs canções em inglês, mas também em português. Na década de 1980, o grupo brasileiro de heavy metal, Sepultura, compôs inteiramente em inglês e se apresentou e ainda faz grande sucesso no exterior. Nos anos 1990 e 2000, grupos como Angra e Diesel também seguiram o exemplo do Sepultura compondo todo o seu repertório em inglês (GUIMARÃES, 2013).

Segundo o autor, de acordo com as versões, esse estilo musical não perdeu força no país. Muitos festivais de rock têm acontecido no Brasil desde meados dos anos 1960 culminando com a produção de Rock in Rio em 1985, onde vários artistas internacionais e nacionais se apresentaram para uma grande semana de rock. O Brasil teve apenas um alicerce real, embora com alguma influência notável na década de 1980, mas o processo das décadas anteriores é de extrema importância pois a história não é construída em um único alicerce.

O festival Rock in Rio é provavelmente o evento musical mais popular no Brasil tendo a oitava edição nacional ocorrido em 2019, além de também ser exportado para vários países como Portugal, Espanha, e EUA. Visando uma combinação de música e juventude, a primeira edição em 1985, foi uma virada cultural para o país e uma virada no cenário musical brasileiro. Imediatamente após o Rock in Rio, a mídia passou a dar mais atenção para os grupos de rock surgidos naquele período, chegando em um momento de forte crescimento do rock nacional. Porém, sua importância vai além de um momento de diversão e entretenimento (AFONSO, 2019).

Uma das marcas do rock em seus estágios iniciais na década de 1980, foi o "verão do rock". Durante os meses de dezembro e janeiro, tradicionalmente os meses de maior venda de discos, são lançados novos grupos de rock, além de shows massivos centrados na capital Rio de Janeiro, principalmente na praia. Inspirados pela experiência do Circo Voador, gravadoras, mídia e diretores de shows se uniram para promover e vender "pacotes" de rock. O primeiro "Verão do Rock" aconteceu nos primeiros anos de 1981 para 1982, que graças às iniciativas do Circo Voador e de certas gravadoras das quais não esperavam tais consequências, vendeu centenas

de milhares de singles de Blitz, Dalto e outros. Entre 1982 e 1983, o esforço foi bem planejado e difundido desde o rock carioca até o nacional. O rock nacional começa com um look colorido com shorts, biquínis e maiôs, praias e adolescentes em baladas, diversão, engenhosidade e sucessos de rádio (GROPPO 2013).

As boates new wave começaram a surgir no Rio de Janeiro entre 1981 e 1982, tanto construídas propositadamente quanto em salas de concerto de artes com música ao vivo e boates com pista de dança para adolescentes e jovens adultos. É uma espécie de danceteria que realiza principalmente os sucessos mais recentes do rock nacional ou oferece apresentações de grupos próprios dos sucessos. As danceterias desenvolveram-se em uma progressão geométrica com pico em 1984, principalmente no eixo Rio-São Paulo e depois entrando em declínio a um ritmo mais rápido do que o crescimento. Em 1986 porém no auge do rock nacional, as discotecas haviam praticamente desaparecido: as músicas desde então não funcionam mais corretamente para dançar e seus consumidores não estão exatamente procurando pelo jogo. Essa inocente brincadeira de fim de tarde ou noite em um ambiente rústico preparado às pressas para acomodar um grande contingente de meninos e meninas que querem dançar e sair juntos (ESCOBAR, 1985).

A mídia e as gravadoras escolheram duas placas para promover os grupos desse movimento de rock nacional primitivo: juventude e modernidade. Mesmo que a análise seja mais precisa, é fácil descobrir que o rock étnico não é muito moderno, muito menos "jovem" pode-se ouvir declarações como o presidente da gravadora. WEA Sound no Brasil: "Disco é mídia para gente de 15 a 25 anos. Essa gente tem que ter ídolos com idade compatível. O surgimento dos grupos de rock retificou uma anomalia, da situação anterior, quando os ídolos da juventude tinham mais de 40 anos". (André Midami apud FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de agosto de 1985, p.49).

Os darks são um grupo de jovens que existiu entre 1982 e 1985, na capital de São Paulo. Seus integrantes se reúnem em grupos conhecidos como "rock paulistas" e se reúnem nas salas de concerto onde esses grupos se apresentam. Embora a tribo não tenha sido nomeada, a imprensa chamou ela e seu estilo de "dark", algo que os próprios indicados nunca aceitaram. O rótulo "dark" foi posteriormente adotado por uma jovem tribo que se vestia quase que exclusivamente de preto, que também tentou participar do "rock paulista". O domínio do mercado de

rock nacional por grupos paulistas começou em meados de 1985, com a irreverente banda de rock *Ultraje a Rigor*, que frequentava o dark ring há muitos anos. Título do primeiro LP da banda revelado: *Nós vamos invadir sua praia*. Já 1986 foi dominado pelos grupos RPM de São Paulo que haviam saído do circuito escuro e Titãs, pela Legião Urbana de Brasília e pelos Paralamas do Sucesso do Rio de Janeiro (ABRAMO, 1992).

O Rock de Brasília tem uma origem muito semelhante ao Dark Rock e ao Rock de São Paulo, embora tenha surgido muitos anos antes e seja independente de São Paulo. No final da década de 1970, junto com vários jovens que moravam nos subúrbios e periferias de São Paulo, jovens brasilienses foram expostos ao punk importado. Porém, por pertencerem a uma classe social diferente da dos punk, os jovens brasilienses das classes média e alta lêem o punk de forma diferente. Tal versão iria musical e ideologicamente aproximar as bandas brasileiras claramente mais adequadas ao rock e à escuridão de São Paulo, do que aos trocadilhos da classe baixa. A interpretação do punk realizada por esses primeiros grupos de punk em Brasília, difere da interpretação mais rústica e menos estética, e apesar disso, está mais próxima da versão original realizada pelos grupos punk de São Paulo. Bandas brasilienses como a antecessora do *Aborto Elétrico*, tocam sons considerados "pesados", mas distintos do heavy metal e com letras de caráter político, mas consideradas mais iluminadas, embora mais melancólico, do que as palavras agressivas e ingênuas de trocadilhos. Eram burgueses que se viam como brincalhões ou bandidos, que improvisavam concertos ao ar livre em bares da cidade, muitas vezes interrompidos pela polícia (PROGRAMAÇÃO FUNARTE, janeiro de 1986, p. 03).

O segundo e mais importante período de sucesso do rock nacional na década de 1980, começou em 1985 e atingiu o pico em 1986, e começou a declinar no ano seguinte. Foi provavelmente o período mais vendido da história da indústria fonográfica brasileira e certamente esta década lucrou em grande parte com o Plano Cruzado e sua mania de vendas. No início, a qualidade e a variedade dos grupos de rock aumentaram drasticamente, mas essa qualidade foi alterada pelo lançamento de um número esmagador de grupos, a maioria dos quais ainda imaturos e correram para o mercado (GROPPO, 2013).

De acordo com o autor, em grande parte, o rock nacional de meados da década foi o sucessor da nova onda do início da década. Muitos grupos fizeram essa transição dentro das gravadoras. Além disso, os mesmos rótulos continuam a produzir novos grupos. A mídia continua apoiando os novos nomes. O trabalho com as rádios continuou de maneira semelhante. Se a maturidade do rock nacional aumentar razoavelmente, isso não quer dizer que o público adolescente e feminino, talvez a marca da nova onda, vá abandonar a tendência, muito pelo contrário. Sem esse público, as vendas de 1986 seriam sem poucas dos grupos mais destacados do maior rock brasileiro da década: Paralamas e Titãs haviam saído da nova onda. Não há um intervalo claro entre os dois períodos.

No entanto, a essência do sucesso da RPM e de todo o rock nacional em 1986, foi o frenesi do consumidor causado pelo Plano Cruzado que congelou os preços e elevou os salários. Populações de classe baixa a média, antes carentes ou restritas ao baixo consumo de alimentos, bem como de produtos culturais, como aparelhos de som, televisores, discos e de programas de rádio, de repente viram seu consumo aumentar em grande medida justamente em um país que por muitos anos, mesmo décadas, privou ou restringiu o consumo da população seja alimentar ou cultural. A consequência do repentino aumento do poder aquisitivo da população foi que a explosão da demanda e da oferta não conseguiu acompanhar, forçando o contrário do que estava previsto no Plano Cruzado que era um aumento da demanda. Após o período eleitoral, quando o governo recuou e introduziu medidas para limitar o consumo, a indústria fonográfica alcançou seu maior feito da história. Historicamente, só em 1986, foram vendidas cerca de 55 milhões de discos e fitas K7 com vendas de U\$170 milhões, um aumento de 40% comparado ao último ano (BIZZ, abril 1988, p. 62; BIZZ, dez. 1986, p. 28).

Em 1986 como nunca antes, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram palco de inúmeros eventos envolvendo o novo rock, e novos públicos interessados na autêntica música jovem mais longe das boates que não existem mais. (JORNAL DO BRASIL, 1986). A televisão criou os programas que foram enviados para o novo sistema. Para a acústica, segundo a imprensa, 1986 foi o ano dos excessos e também da mediocridade.

O rock nacional não é um retrocesso estético, social ou cultural, mas ao contrário, representa uma época em que o mercado consumidor jovem certamente se estabeleceu no Brasil, embora tenha ficado para trás pelo menos 20 anos em relação aos Estados Unidos. O que é característico do Brasil e talvez da tendência do rock n roll em países fora do "norte desenvolvido", é o fato de que atrasos de mercado não criam "contracultura" ou "alucinações" (ROSZAC, 1972).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. Grupos Juvenis nos anos 80. **Um estilo de atuação social**. Dissertação (mestrado em Sociologia), Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

AFONSO, Luis Felipe Fernandes. "PRO BRASIL NASCER FELIZ": ROCK IN RIO, JUVENTUDE E REDEMOCRATIZAÇÃO NO BRASIL. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 3, n. 6, p. 9-35, 2019.

BIZZ, n. 17, dez. 1986, p. 28.

BIZZ, n. 33, abr. 1988, p. 62.

ESCOBAR, Pepe. **Opinião**. Bizz, n. 03, out. 1985, p. 76.

FOLHA DE SÃO PAULO, 07/ago./1985, p. 49.

GUIMARÃES, Felipe Flávio Fonseca. **DO SURGIMENTO DO ROCK À SUA DIFUSÃO PELO MUNDO**: a apropriação do rock no Brasil através das versões de meados da década de 1950 a meados da década de 1960. 105 p. 2020. Tese de Doutorado. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento Social)-Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, Montes Claros, 2013.

GROPPO, Luís Antonio. Gênese do rock dos anos 80 no Brasil: ensaios, fontes e o mercado juvenil. **Música Popular em Revista**, v. 1, n. 2, p. 172-196, 2013

JORNAL DO BRASIL. Caderno B, 28/03/1986.

PROGRAMAÇÃO FUNARTE, jan. 1986.

ROSZAC, Theodore. **A Contracultura**. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VIEIRA, William David. **Mötley Crüe, Marilyn Manson e a cena rock dos anos 1980 e 1990 em Heroin, de Lana Del Rey**. 2018.